

A COLEÇÃO DIDÁTICA TAPETE VERDE: DO PROJETO À SUA PRODUÇÃO GRÁFICA (DÉCADA DE 1970 - RIO GRANDE DO SUL)

Chris de Azevedo **Ramil** – PPGE/FaE/UFPel

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa concluída cujo objetivo era a análise da coleção de livros didáticos Tapete Verde, em seus aspectos editoriais e gráficos, identificando-se as etapas de projeto e produção gráfica, além de relacionar os elementos de recorrência em design gráfico e suas especificidades em relação aos aspectos pedagógicos. A coleção, de autoria das professoras gaúchas Nelly Cunha e Teresa Iara Palmini Fabretti, foi publicada na década de 1970 no Rio Grande do Sul, pela Editora Globo. O livro didático pode ser considerado uma importante fonte de dados sobre o contexto em que foi produzido, podendo revelar aspectos da sociedade e do tempo através da análise do mercado em que circulou, da produção editorial, dos objetivos pedagógicos, de sua visualidade e materialidade. Os dados desta investigação podem contribuir com importantes considerações aos campos de pesquisa na história dos livros didáticos e da educação gaúcha, bem como à história gráfica e editorial da região.

Palavras-chave: Livro didático; Tapete Verde; Editora Globo; Design e educação; Projeto e produção gráfica.

A COLEÇÃO DIDÁTICA TAPETE VERDE: DO PROJETO À SUA PRODUÇÃO GRÁFICA (DÉCADA DE 1970 - RIO GRANDE DO SUL)

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar os principais resultados de uma pesquisa concluída que consistiu em analisar a coleção de livros didáticos Tapete Verde, em seus aspectos gráficos e editoriais, identificando-se as etapas de projeto e produção gráfica na Editora Globo, além de relacionar os elementos de recorrência em design gráfico e suas especificidades em relação aos aspectos pedagógicos. Do projeto gráfico à produção gráfica de uma coleção didática, as características estabelecidas nestas etapas podem ser responsáveis por definir orientações, interferir na veiculação de conteúdo e provocar comportamentos diferenciados nos alunos e professores, ao utilizarem os livros em sala de aula. Além disso, esse trabalho colabora no incentivo às

pesquisas que consistam na confluência de referências conceituais dos campos da educação e do design, em busca de contribuições tanto pelas perspectivas históricas como pelas atuais.

1. O livro didático e o design gráfico

O livro didático, independente de seu conteúdo e de sua função, pode ser uma importante fonte de dados sobre o contexto em que foi produzido, podendo revelar aspectos de uma sociedade e de um tempo através da análise do mercado em que circulou, da produção editorial e de seus objetivos pedagógicos.

Para Lajolo e Zilberman (1999), o livro didático, esse primo-pobre, mas de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação. Assim, ainda em relação à investigação de livros didáticos, é pertinente o que dizem Maciel e Frade (2003, p.29):

A análise do livro didático ou livros utilizados com destinação escolar permite uma série de abordagens, que podem ser relacionadas aos processos de sua produção, à análise do suporte impresso como fonte e como objeto e, finalmente, à recuperação das práticas advindas de seu uso. Esses elementos também indicam que, metodologicamente, o estudo específico desse material deve ser relacionado a outros documentos e práticas, sob pena de se realizarem análises superficiais ou ingênuas. Assim é preciso também verificar programas de ensino, instruções, debates publicados, cadernos, outros materiais destinados ao público no período, mesmo aqueles de circulação externa à escola, para compreender outras motivações políticas, econômicas, pedagógicas, religiosas, entre outras, que determinaram a sua produção.

Choppin (2004) indica que os livros didáticos, a partir dos anos 1970, começaram a despertar interesse entre os pesquisadores da história da educação de diversos países. Trata-se de um terreno fértil de investigação, possibilitando conhecimento de processos educativos do passado. Batista (2009) caracteriza o livro didático como um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade e sua utilização está ligada aos intervalos de tempo escolar. A localização desses materiais antigos é difícil, tendo em vista que são facilmente descartados devido a fatores como a falta de espaço para a guarda e preservação e ao desconhecimento da sua importância para as pesquisas em História da Educação e História da Alfabetização.

Para Robert Darnton (2010) a história do livro em geral consiste em "compreender como as ideias foram transmitidas através da imprensa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade durante os últimos quinhentos anos". O autor afirma que:

Os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor. O leitor encerra esse circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. (...) Assim o circuito percorre um ciclo completo. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante (DARNTON, 2010, p.112).

Darnton (2010) criou um diagrama representativo do ciclo dos livros impressos, que pode ser analisado pelas etapas que constituem o chamado "Circuito das Comunicações". Para o autor, mesmo sabendo-se que o livro vem sendo concebido e difundido nas sociedades de formas variadas, de acordo com o lugar e a época em que esteja inserido, os livros impressos continuam passando pelo mesmo ciclo de comunicação, conforme mostra a Figura 1.

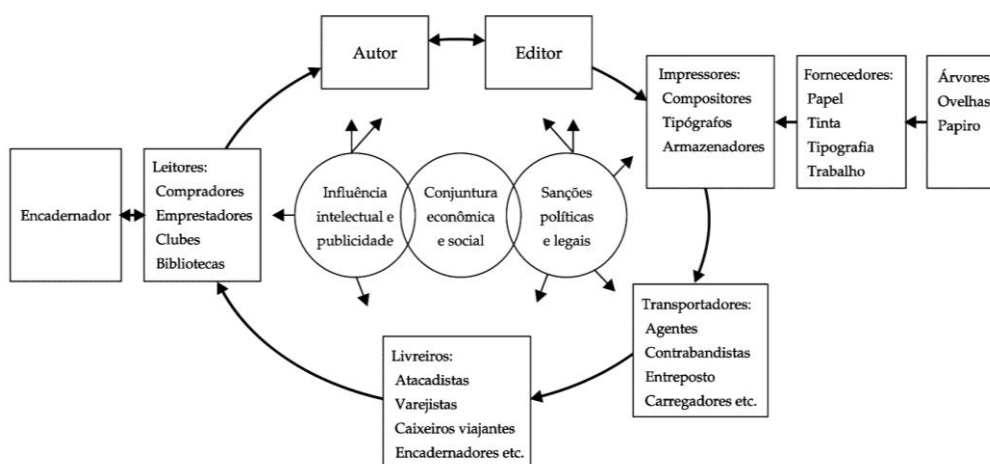


Figura 1: Circuito das Comunicações - Robert Darnton (1982).
Fonte: Darnton, 2010.

Utilizando o Circuito das Comunicações de Darnton como base nessa pesquisa, identificou-se alguns dos elementos que fazem parte desse ciclo, no processo de criação e produção de um livro didático, que se inicia entre o editor e as autoras da coleção didática Tapete Verde e chega às mãos dos leitores e usuários desses objetos, os alunos. Este Circuito, mesmo sendo de 1982, tem etapas que seguem permanecendo ativas com o decorrer dos anos, outras se readaptaram com os fatores econômicos, editoriais, tecnológicos e culturais em constante transformação, enquanto algumas das etapas podem estar extintas, dependendo do caso aplicado.

Chartier (1990) pesquisa o livro como um objeto que se submete a um ciclo que envolve práticas de produção, de circulação e de apropriação, interdependentes e essenciais para o conhecimento de aspectos da leitura, bem como evidenciam a existência de etapas, técnicas e atividades humanas, que envolvem autores, editores, impressores, etc. O autor propõe também um estudo triangular, que relaciona o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera, tentando reconstituir o sentido na análise das práticas leitoras (CHARTIER, 1990). Segundo ele:

[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do "autor"; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os preestabelecidos pelo autor (CHARTIER, 1990, p.127).

De acordo com os conceitos abordados até então, nos perguntamos como o projeto gráfico, os aspectos editoriais e a materialidade do livro didático podem interferir no aprendizado e no conhecimento de uma criança? Relações como essas são possíveis de serem estabelecidas e propiciam muitas investigações relacionando a educação e o design.

O livro didático ainda está entre os objetos menos estudados no campo do design e suas especificidades, mas o interesse pelas pesquisas nesta área vem crescendo, em função do reconhecimento de sua importância. A visualidade do livro didático, bem como seus reflexos na formação cultural e estética do aluno ainda são temas pouco investigados, apesar de suas altas tiragens, constante renovação da industrialização, distribuição em massa e presença constante na vida dos discentes.

Até a década de 1970, os aspectos visuais e gráficos não estavam entre os principais cuidados das editoras na produção dos livros didáticos, pois os editores e profissionais envolvidos não tinham conhecimentos específicos nas áreas de comunicação e design. Nos anos 1970, o ensino de massas expandia no país, surgiam editoras de obras destinadas a esse mercado e o parque gráfico nacional estava sendo renovado. Com isso, o mercado gráfico e editorial agregou profissionais capacitados, entre designers e artistas gráficos. Reconhecia-se então, aos poucos, a importância da visualidade do livro didático, tanto para a comunicação do conteúdo como para o sucesso comercial da obra.

Uma página de livro pode, através de suas conformações visuais, comunicar além do conteúdo escrito, sensibilizando o leitor para o fenômeno visual e o seu potencial informativo. As páginas de texto destinadas apenas à leitura de seu conteúdo linguístico, sem imagens e elementos gráficos também são consideradas visuais, pois o texto é formado por letras pertencentes a famílias tipográficas, que tem estrutura construtiva e que variam de acordo com suas conformações e características plásticas. Estas podem remeter a significados culturais e predisposições psicológicas, marcam um determinado ritmo e contribuem para a formação da superfície impressa. A cor de tinta, tipo de impressão, contrastes, cor de papel e outros efeitos plásticos e perceptivos, também influem muito na visualidade da página. Segundo Choppin (2004, p.559):

A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segunda uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações.

Recordando a afirmação de Chartier (1999, p.17) de que o autor não escreve livros, mas textos que serão transformados em livros, compreendemos que entre o objeto que o autor escreve e aquele que o leitor lê, existe uma série de mediações e interferências realizadas por autores, editores, ilustradores, designers, tradutores, impressores, vendedores, distribuidores, educadores.

Frade e Maciel (2006, p.3109) também contribuem com essa temática, ao registrarem que:

[...] há diferentes maneiras de relacionar, no texto do livro didático, elementos relativos à configuração textual (*mise en texte*) e elementos gráfico-editoriais que extrapolam as escolhas textuais e configuram a *mise-en-page*. Tudo isso se organiza num conjunto maior que denominamos *mise-en-livre*, produto de diferentes materialidades, que apresenta protocolos de leitura e diversos textos introdutórios para quem vai fazer uso do livro, posicionando o leitor/usuário num conjunto de instituições (gráficas, editoras, instituições escolares de formação e de ensino), num conjunto de autores presentes no livro didático (editor, "autor" do livro, ilustradores, gráficos, impressores), numa rede intelectual (autores, professores, apresentadores, comentadores) que demonstram uma extensa rede de participação de pelo menos dois campos de trabalho: o da pedagogia e o da produção editorial.

Sendo assim, os profissionais da área gráfica também devem ser considerados autores do livro. Eles tratam do conteúdo visual de uma comunicação criada e projetada, que é composto por vários elementos visuais que formam a estrutura

básica do que é visto. A linguagem visual e gráfica constitui a base da criação do design.

Twyman (1982) pesquisa a teoria das linguagens gráficas e apresenta o seu modelo teórico de esquema para a linguagem visual gráfica, no qual busca contemplar e integrar o modelo linguístico tradicional com o modelo de design gráfico e tipografia tradicional. O autor criou um esquema essencial para a estruturação e categorização dos elementos que formam a Linguagem Visual Gráfica, que serviu de base para algumas das análises aplicadas na coleção didática Tapete Verde.

2. O *corpus* de pesquisa e procedimentos metodológicos

Os livros didáticos da coleção Tapete Verde constituem o *corpus* de pesquisa e a investigação se deu a partir dos exemplares encontrados no acervo de um grupo de pesquisa.

A coleção é de coautoria de Nelly Cunha e Teresa Iara Palmimi Fabretti, professoras primárias gaúchas. Publicada pela Editora Globo, sua primeira edição é de 1976. Não se tem certeza sobre o ano de sua última edição, mas segundo os dados levantados, a data de publicação mais recente registrada nos livros é de 1986, mesmo ano em que a Editora Globo foi vendida.

Os livros da coleção didática Tapete Verde são integrados, ou seja, apresentam duas ou mais disciplinas do ensino primário no mesmo volume. São livros para utilização de 1ª a 4ª série do 1º grau, em volumes distintos, contendo, separadamente, seus Cadernos de Atividades. Além disso, também faz parte dessa coleção o Manual do Professor, disponível em 4 volumes, um para cada série.

O acervo pesquisado dispõe de 12 exemplares, sendo que 10 são volumes de Livros Integrados: 1ª série (1976 - 1 ex.), 2ª série (1976 - 1 ex. / 1978 - 1 ex. / 1979 - 3 ex. / 1982 - 1 ex.) e 3ª série (1978 - 1 ex. / 1979 - 2 ex.). Entre os Cadernos de Atividades, há 2 exemplares: 1ª série (1976 - 1 ex.) e 2ª série (1977 - 1 ex.). O conjunto não contém exemplares de Caderno de Atividades da 3ª série, de Livro Integrado e Caderno de Atividades da 4ª série e de Manuais do Professor de todas as séries.

Porém, o *corpus* da pesquisa foi ampliado com o empréstimo de 4 exemplares de acervos pessoais, entre eles o Livro Integrado e Caderno de Atividades da 4ª série (ambos de 1977) e 2 Livros Integrados iguais aos da listagem. No total, constaram então 16 volumes no *corpus* da pesquisa. Como não foram encontrados os Cadernos de Atividades e os Manuais do Professor de todas as séries, optou-se por

utilizar apenas os 13 Livros Integrados como fonte/objeto de análise na pesquisa.

Entre as etapas de procedimentos metodológicos, além do referencial teórico das áreas de educação e design adotado, cabe destacar a criação de tabelas e de fichas cadastrais essenciais para a coleta de dados através de uma análise minuciosa em todos os exemplares do *corpus* de pesquisa por aspectos quantitativos e qualitativos, além da investigação de documentos relevantes, da realização de entrevistas fundamentais com os profissionais da Editora Globo do mesmo período da edição da coleção e também do questionário aplicado com pessoas que utilizaram os livros.

O livro didático pode ser considerado tanto fonte como objeto de pesquisa. A coleção Tapete Verde foi estudada pelos dois aspectos, pois como fonte de pesquisa serviu para discussão e comparação de diversos conceitos da área da educação e do design e, além disso, como objeto de pesquisa foi analisada pelas características gráficas e editoriais e por sua materialidade.

Segundo Chartier (1990), os estudos sobre os impressos podem ser abordados na perspectiva da produção, da circulação e da apropriação. Nesta pesquisa, optou-se pelo enfoque direcionado à etapa de produção dos livros da coleção didática Tapete Verde, pois os dados de circulação e de apropriação não foram prioridade de investigação, em função principalmente da falta de dados e da dificuldade de se conseguir documentação com informações relativas a estas questões em um tempo restrito de exploração.

3. A coleção didática Tapete Verde: aspectos editoriais

Ao longo dos anos 1960 e 1970, segundo Batista (2009), ocorreram várias modificações na produção dos manuais escolares nacionais, nos aspectos materiais, discursivos e estruturais. Isso se deve, pelo inter-relacionamento de pelo menos três grandes conjuntos de condições: aquelas ligadas a fatores de ordem econômica e tecnológica, as de ordem educacional e pedagógica e também as de ordem social e política.

Com histórico de grande reconhecimento no mercado editorial, a Editora Globo, que teve origem na Livraria do Globo de L. P. Barcellos & Cia, fundada em 1883 em Porto Alegre/RS, enfrentou séria crise financeira na década de 1970.

Na tentativa de recuperar o seu espaço no mercado editorial didático, cada vez mais concorrido, em 1976 essa editora publicou a coleção didática Tapete Verde, de coautoria de Nelly Cunha e Teresa Iara Palmira Fabretti.

Porém, apesar de se buscar soluções metodológicas inovadoras e alternativas para a produção editorial com essa publicação, os custos de produção gráfica foram bastante reduzidos em comparação às coleções publicadas anteriormente, visando-se a contenção de despesas. Fatores como estes são considerados por Bittencourt:

O caráter mercadológico e as questões técnicas de fabricação da obra didática interferem no processo de seleção e organização das imagens e delimitam os critérios de escolha, na maioria das vezes, das ilustrações. Há condicionamentos e limitações impostas pela técnica e pelos custos que devem se associar às necessidades pedagógicas. Os livros didáticos não podem ser caros, mas necessitam de gravuras como pressuposto pedagógico de aprendizagem, principalmente para os alunos do ensino elementar (BITTENCOURT, 2006, p.76).

Devido às dificuldades financeiras, o diretor editorial José Otávio Bertaso, ao convidar as professoras gaúchas Cunha e Fabretti para desenvolverem esse material, impôs restrições nos investimentos em projeto e produção gráfica para redução dos custos na sua publicação, tais como: impressão de apenas uma cor além do preto e utilização de papel de qualidade inferior nas páginas, que seria o papel jornal.

Com o desejo de que fosse uma série representativa do sul do país e que lembrasse o Rio Grande do Sul, as autoras decidiram partir de um tapete que seria verde (a cor aliada ao preto), pois lembraria as matas e a natureza do estado. Além disso, as duas professoras sempre tiveram interesse pela ecologia, para ser trabalhada com as crianças em sala de aula e, assim, as ideias foram unidas em uma só proposta. Surgiu então o título "Tapete Verde", criado entre as duas autoras.

Um livro, para existir, depende de vários agentes que se envolvem no processo de sua concepção. No caso da coleção didática Tapete Verde, foram identificados: a empresa editorial Editora Globo, o editor José Otávio D'Ávila Bertaso, a secretária editorial Maria da Glória Bordini, as autoras Nelly Cunha e Teresa Iara Palmira Fabretti, os profissionais da Seção de Desenho (Planejamento gráfico: Sonia M. de Mendonça Heinz; Ilustrações: Leonardo Menna Barreto Gomes - livros da 1ª a 3ª série e Renato Canini - livros da 4ª série), os revisores, os profissionais das Oficinas Gráficas da Globo e as Gráficas que foram terceirizadas para impressão e acabamento.

Tais agentes, de acordo com os preceitos de Chartier (1990) basicamente se envolvem na etapa da produção dos impressos, que tem a função de dar forma ao conteúdo textual. Para compreensão do sistema de trabalho e das funções na Editora Globo, criou-se um diagrama (Fig. 2) que apresenta graficamente como foi a produção

geral da coleção didática Tapete Verde.

Este diagrama tem como referência o Circuito das Comunicações de Darnton (2010) já referenciado. A partir dos dados levantados, foi feita uma adaptação para essa pesquisa, para esclarecer as etapas envolvidas no processo. Na imagem, os quadros pretos referem-se aos profissionais envolvidos na coordenação do processo editorial e na criação e revisão dos textos originais; os quadros cinza claro remetem aos profissionais das equipes envolvidas com os aspectos de projeção e de pré-impressão; e o quadro cinza escuro refere-se aos aspectos de impressão e de acabamento. Por fim, os quadros brancos são uma suposição dos elementos que compreendem as etapas de circulação dos livros e de sua apropriação, que envolve alunos e professores nas escolas. Destaca-se, ainda, a área que se encontra cercada por uma linha tracejada em tom cinza, que engloba todos os elementos incluídos na etapa de produção gráfica da coleção didática Tapete Verde.

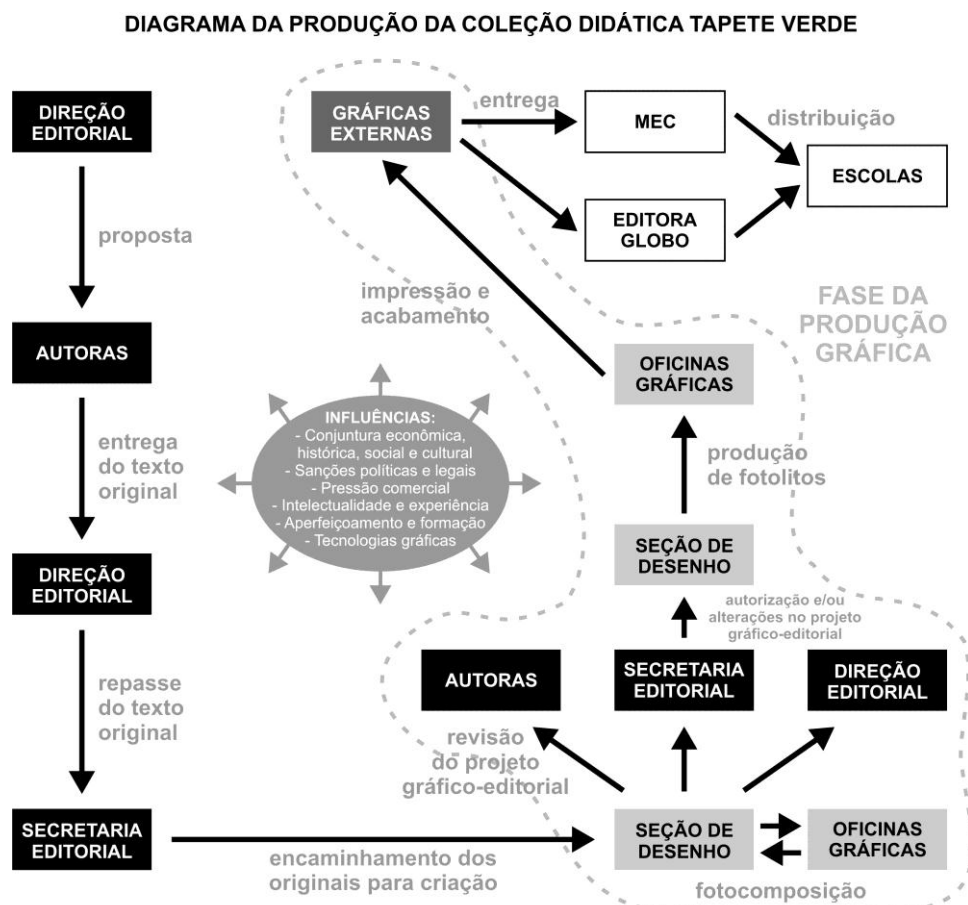


Figura 2: Diagrama da produção da coleção didática Tapete Verde.

Fonte: da autora.

A produção gráfica é o processo que envolve todas as fases de criação de um impresso, compreendendo desde a finalização das artes até a expedição do trabalho pronto e embalado para distribuição. Envolve, em geral, 4 etapas, independentemente do processo gráfico utilizado: projeção, pré-impressão, impressão e acabamento (VILLAS-BOAS, 2008).

Essas 4 etapas de produção gráfica foram identificadas no caso da coleção didática Tapete Verde e podem ser vistas na Figura 3, que mostra um diagrama estruturado com os principais aspectos de cada uma delas.



Figura 3: Diagrama das etapas de produção gráfica da coleção didática Tapete Verde.

Fonte: da autora.

A coleção teve algumas reedições e a última localizada coincide com o ano em que a Editora Globo foi vendida (outubro de 1986) e transferiu o controle acionário para a Rio Gráfica e Editora, que desde 1952 era de propriedade do jornalista e empresário Roberto Marinho, proprietário das Organizações Globo (corporação da qual faz parte a Rede Globo), no Rio de Janeiro/RJ.

4. A coleção didática Tapete Verde: aspectos gráficos

Nos anos 1970, a Editora Globo investia na sua Seção de Desenho, contratando profissionais com formação específica e experiência na área de artes gráficas, para que os trabalhos tivessem melhor resultado gráfico e editorial. Isso repercutiu positivamente na produção da coleção didática Tapete Verde.

O planejamento visual que utiliza e combina formas, cores, imagens e tipografia nas páginas, transforma-se no projeto gráfico de um livro. Em um livro didático, o projeto gráfico deve ter critérios específicos, pois interfere na apresentação de conteúdo didático-pedagógico e no processo de ensino-aprendizagem das crianças e, para isso, deve contribuir para que a aprendizagem seja facilitada e bem sucedida.

O design de um livro começa na sua forma física, o formato. Na coleção didática Tapete Verde ele é vertical, se apresenta como um conjunto de folhas semimóveis e sua abertura se efetua sobre uma página dupla. Isso altera o direcionamento do olhar da criança e a maneira como são identificados os dispositivos nas páginas, que não são vistos de forma isolada. Cabe citar Chartier (2002, p.30), que discorre sobre os modos de leitura, sua evolução e como estes interferem na relação do leitor com o suporte.

A capa do livro é o primeiro contato do leitor com o suporte. O título da coleção didática se relaciona com a representação das ilustrações nas diferentes capas, através das relações propostas com um tapete verde. O título é bastante incomum para o tipo de livro que se trata e intriga quem o lê, causando expectativa em relação ao conteúdo. Todos os volumes apresentam o mesmo projeto gráfico para a capa e contracapa, modificando apenas a ilustração e mantendo uma unidade visual. A lembrança das imagens da capa pelos alunos comprovam o quanto elas podem contribuir para um alfabetismo visual, ampliando as experiências estéticas e plásticas, além de provocar relações variadas, associadas às experiências individuais.

Os Livros Integrados de 1ª a 3ª série foram ilustrados por Leonardo Menna Barreto Gomes e o da 4ª série foi ilustrado por Renato Canini, cujas ilustrações são primorosas, peculiares e muito atraentes. No entanto, a identidade visual entre essas capas é comprometida por alguns fatores. Devido aos grafismos diferentes dos dois ilustradores, há um certo rompimento na unidade plástica e gráfica da capa e da contracapa que tradicionalmente se busca entre todos os volumes que fazem parte de uma sequência de publicações, por pertencerem a uma mesma coleção e não serem avulsos. Além disso, o tom do verde recebe alterações no matiz a cada nova tiragem ou edição, na impressão. As capas e contracapas podem ser conferidas na Figura 4.





Figura 4: Contracapas e capas de Livros Integrados de 1ª série (acima à esquerda), 2ª série (acima à direita), 3ª série (abaixo à esquerda), 4ª série (abaixo à direita).

Fonte: Acervo de grupo de pesquisa e acervo pessoal de Teresa Fabretti.

Mesmo com a busca pela semelhança através das cores, das técnicas de uso de figura-fundo e positivo-negativo e da identidade visual da coleção, a diferença plástica das ilustrações também é percebida nas imagens presentes nos miolos dos quatro Livros Integrados.

Para Batista (2007, p.536), os suportes dos textos desempenham um papel fundamental na definição de modos de ler e de se relacionar com o texto. O tipo de suporte utilizado nos livros tem um impacto direto na leitura, modificando também o aspecto visual e contribuindo para a atratividade do livro.

Como já relatado anteriormente, as páginas do miolo de todos os volumes da coleção didática Tapete Verde foram impressas em papel jornal, um tipo de papel de qualidade inferior ao demais papéis de impressão, com superfície áspera e pouco encolado. Não costuma ser indicado para escrita, pois devido às características de sua materialidade não é adequado para esta ação, por dificultar principalmente a gravação a lápis, complicar o ato de apagar o escrito e pelo risco das páginas se rasgarem. Além disso, não é muito durável e nem indicado para manuseio contínuo, por ser frágil. Esses fatores foram comprovados nos exemplares.

A materialidade do livro didático também é influenciada pela mancha gráfica, que é o espaço utilizado pela composição e que combina a disposição das mensagens no suporte, o encadeamento do texto e das imagens, sua diagramação e sua localização, para que façam sentido, comuniquem e deem significado ao conteúdo reproduzido.

Na coleção analisada, as imagens e os textos são igualmente responsáveis pela narrativa e complementam-se ao comporem a estrutura das páginas, explorando a comunicação visual com hierarquia de informações, movimento e equilíbrio através da

concepção gráfica do conteúdo.

Como as páginas nunca não iguais na disposição dos elementos e no tipo de conteúdo a ser apresentado, provocam o interesse e curiosidade da criança, instigando a continuidade da leitura, na expectativa de uma nova descoberta. É possível ver que a mancha gráfica apresenta modificações inovadoras na disposição e combinação entre ilustração e texto ao comparar-se com a de livros didáticos publicados anteriormente.

Essas mudanças na apresentação visual das páginas decorrem de dois fatores principais: tanto do olhar diferenciado da equipe de profissionais que trabalhou no projeto gráfico da coleção didática Tapete Verde, com formação na área de Artes, aperfeiçoamento pela experiência na área editorial e conhecimento dos fundamentos gráficos e visuais, como pelo avanço das tecnologias e maquinários de composição e impressão, que possibilitavam novos arranjos do que se costumava produzir até então no ramo editorial.

Todos os volumes da coleção didática Tapete Verde contêm apenas 2 cores (devido às restrições supracitadas): o preto e o verde, que apresentam algumas variações de tonalidades na impressão e não estão padronizados. A cor do suporte também interfere na qualidade das cores impressas e deve ser considerada porque participa da composição gráfica nas áreas em que não recebe impressão, o que se leva a dizer que há também o "branco" entre as cores, que em realidade é a cor da superfície, que nesse caso seriam as cores do papel jornal e do papel da capa, que interferem na visualização geral dos livros.

Mesmo com a utilização de apenas 2 cores, o que causava questionamentos quanto a um possível comprometimento da qualidade estética do conteúdo, deve-se ressaltar que os livros não são feitos apenas de cores, mas também de outros elementos gráficos e visuais que, no conjunto da obra, também podem atrair o leitor de forma surpreendente e eficiente. Estes recursos, associados, aparecem bastante explorados na coleção.

É importante registrar que o valor de um livro não pode ser medido apenas pela quantidade de imagens, mas sim pela função que elas exercem na narrativa. As funções das imagens nos livros didáticos da coleção Tapete Verde são de reiterar, ampliar e sugerir com o tema abordado, além de concordar, expandir e propor uma visualidade peculiar para o que está escrito nos textos.

As imagens utilizadas na coleção Tapete Verde são representadas através de distintas formas gráficas, explorando a experiência estética e estimulando a percepção

visual das crianças. Isso acontece através da utilização de elementos que integram a Linguagem Visual Gráfica (LVG), conceito anteriormente referenciado - de Twyman, em toda a coleção, na qual foram identificados e classificados como: aspectos verbais - relacionados ao conteúdo textual; aspectos pictóricos (Fig. 5) - envolvem ilustrações, figuras, fotografias, ícones, tiras e histórias em quadrinhos (HQ); e aspectos esquemáticos (Fig. 6) - correspondem aos quadros, diagramas, tabelas, mapas e diferentes tipos de linhas (pontilhadas, tracejadas ou inteiras). Esses itens relacionam-se ao design de informação nos livros didáticos, pois facilitam a compreensão do aluno e informam o conteúdo didático-pedagógico da melhor forma possível.

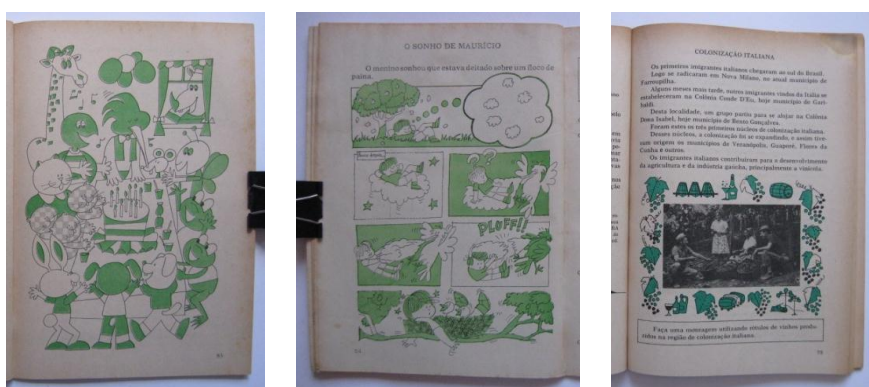


Figura 5: Páginas de Livros Integrados com ilustração (2ª série), HQ (3ª série) e fotografia (4ª série), da esquerda para a direita.

Fonte: Acervo de grupo de pesquisa e acervo pessoal de Teresa Fabretti.

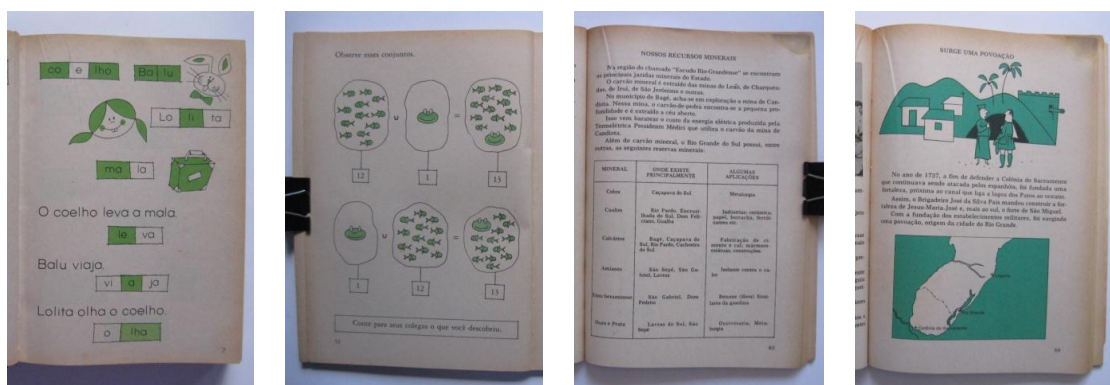


Figura 6: Páginas de Livros Integrados com quadros (1ª série), diagramas (2ª série), tabela (4ª série) e mapa (4ª série), da esquerda para a direita.

Fonte: Acervo de grupo de pesquisa e acervo pessoal de Teresa Fabretti.

Entre todos os elementos de Linguagem Visual Gráfica localizados na coleção, atenta-se aqui para as ilustrações (LVG Pictórica), que se diferenciam muito em relação às que vinham sendo utilizadas nos livros didáticos publicados

anteriormente, em geral. Isso ocorre por se diferenciarem plasticamente e por terem características gráficas peculiares e de qualidade visual e estética, utilizando apenas as cores verde e preto aliadas à exploração de técnicas de contraste, recursos de positivo-negativo ou figura/fundo, aplicação de grafismos e padronagens, relações espaço-temporais, profundidade, proporção e variados formatos, recortes e ângulos, além do uso de molduras e de imagens sangradas. A Figura 7 ilustra alguns exemplos.



Figura 7: Páginas dos Livros Integrados de 1ª a 4ª série (da esquerda à direita) com ilustrações.
Fonte: Acervo de grupo de pesquisa e acervo pessoal de Teresa Fabretti.

Quanto aos textos, observa-se que a quantidade vai aumentando consideravelmente do Livro Integrado da 1ª série ao da 4ª série. As imagens vão diminuindo de quantidade e de tamanho, para dar espaço a mais conteúdo textual. As tipografias também vão sendo reduzidas de tamanho, como reflexo de um maior domínio de leitura da criança, estimulada a ler mais textos com os temas específicos das áreas envolvidas. Estas estratégias, entre outras se relacionam também ao método didático-pedagógico proposto, que contém determinados objetivos para cada série escolar.

Chartier (1991) também indica que as formas textuais e tipográficas interferem no modo de leitura, de acordo com a intelectualidade dos leitores, que podem diferir por suas habilidades e necessidades, além de apresentar práticas de ler e procedimentos de interpretação variados, por não disporem sempre das mesmas competências de leitura.

Os elementos gráficos que fazem parte do design de uma tipografia interferem no seu aspecto visual e, por consequência, acabam definindo o tipo de utilização mais adequadas, de acordo com o propósito, legibilidade e leiturabilidade pretendidas. Nos livros da coleção as fontes tipográficas são bem maiores no volume de

1ª série, enquanto nas outras, vão reduzindo consideravelmente de tamanho, além de variar de estrutura bastonada para serifada, considerando-se que a leitura já é mais fácil e ágil, no decorrer dos anos escolares.

Sabe-se que a produção dos livros didáticos pode ter alterações nas suas sucessivas edições e, em função disso, todas as edições dos volumes dos Livros Integrados da coleção foram analisadas e comparadas entre si. Alguns resultados de tais observações serão brevemente descritos, a seguir.

A diagramação permanece basicamente a mesma entre todos os livros. Então, é possível concluir que as fases de projeção e de pré-impressão supracitadas não tiveram alteração nas edições seguintes. Porém, no que tange aos aspectos resultantes das etapas de impressão e de acabamento na fase de produção gráfica dos livros, foram encontradas disparidades entre os diferentes volumes de Livros Integrados.

Em decorrência de falhas no processo de impressão, alguns problemas foram encontrados nas páginas dos exemplares, tais como: erro de registro, erro de corte, erro no tom das cores, falhas na uniformidade da tinta, decalagem, páginas vazias sem o conteúdo impresso, erro de separação de cores para impressão, etc. Em relação ao acabamento, percebeu-se a falta de padronização e unidade nas medidas do formato do suporte, problemas com erro de corte e fragilidade das lombadas.

As falhas relatadas, além de afetar a qualidade estética dos livros, poderiam prejudicar o processo didático-pedagógico e interferir no trabalho dos professores e dos alunos. Sabe-se que a coleção didática Tapete Verde foi submetida aos programas do MEC que envolviam o Programa do Livro Didático do Ensino Fundamental (PLIDEF) e o Banco do Livro, mas devido à falta de dados, não é possível afirmar que os seus livros tenham passado pela avaliação de qualidade exigida para poderem ser distribuídos e reaproveitados pelas escolas durante alguns anos.

Finalizando este trabalho, com a apresentação dos aspectos relativos ao projeto e a produção gráfica da coleção didática Tapete Verde é possível compreender a importância da forma e da materialidade que constituem e atribuem sentidos ao livro didático, além dos fatores e processos envolvidos na sua concepção. Podemos comprovar também a relevância dos aspectos identificados nos livros didáticos, pois proporcionam um aprendizado diferenciado às crianças e contribuem com a função pedagógica, ao interagirem com o conteúdo dos textos, facilitando seu entendimento e tornando-os mais interessantes, agregando novos valores às funções básicas de

comunicação.

A partir do que visualizamos e como visualizamos, construímos nossos conceitos e valores. Os sentidos da leitura são produzidos tanto pelo texto e imagens como pelo suporte, e os resultados disso, dependendo de todos os agentes envolvidos na sua produção, podem ser muito variados, influenciando então na apropriação dos livros didáticos pelos leitores e mediadores, no caso, os alunos e os professores, em ambiente escolar. Inevitavelmente, mesmo tendo sido publicada e utilizada há quase 40 anos, a coleção didática Tapete Verde também foi exemplo disso e certamente provocou sentidos de leitura naqueles que interagiram com seus livros.

Considerações finais

O conhecimento dos aspectos apresentados neste trabalho, que apresenta alguns resultados de uma pesquisa mais ampla, que objetivava analisar a coleção didática Tapete Verde do seu projeto à produção gráfica, contribui para a valorização do estudo do livro didático como suporte, pela sua materialidade e visualidade, para além do conteúdo didático-pedagógico.

Entender o livro didático na perspectiva da sua produção gráfica é fundamental para que se identifique o quanto as atividades envolvidas nesta etapa podem influenciar na visualidade e na materialidade do suporte, que determinam a apresentação do conteúdo elaborado pelos autores e como estas características vão além de apenas expor os textos didáticos e o quanto elas podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

O fato de a coleção didática Tapete Verde ter sido produzida há quase 40 anos permitiu a reconstrução de características históricas de projeto e produção gráfica, que comprovam a importância da análise e do conhecimento do que se fazia no passado, também para entendermos como se deu a evolução, nestes âmbitos, dos livros didáticos até os dias de hoje. Essa investigação também propiciou que fossem reveladas características sobre o seu contexto histórico, econômico, político, cultural, tecnológico e editorial da época.

Com este trabalho, percebe-se como é importante, especialmente no campo dos estudos sobre livros didáticos, a interação das áreas de estudo em educação e design para compreender a complexidade que envolve a produção de materiais didáticos para uso dos alunos.

Por fim, os resultados desta pesquisa agregam novos conhecimentos à

história da educação e dos livros didáticos do Rio Grande do Sul e à história gráfica e editorial gaúcha.

Referências

- ARAÚJO, Emmanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). **Livros escolares e de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p.41-76.
- _____. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado de Letras - ALB; São Paulo: FAPESP, 2007.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006, p.69-90.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- _____. O mundo como representação. In: **Estudos avançados** [online]. 1991, vol.5, n.11, p.173-191.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p.549-566.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Cartilha Proença e Leitura do Principiante de Antonio Firmino de Proença: configurações gráficas e pedagogia. In: RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio (Org.). **Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: **Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**, 2006, p.3107-3122.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São

Paulo: Ática, 1998.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilhas de Alfabetização e Nacionalismo. In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Orgs.). **Livros escolares e ensino da leitura no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas: Seiva, 2003.

TWYMAN, Michael. (1982). The graphic presentation of language. In: **Information Design Journal**. John Benjamins Publishing Co., v.3, n.1, p.2-22.

VILLAS-BOAS, André. **Produção gráfica para designers**. Rio de Janeiro: 2AB, 2008.